



FILMES
QUE AMO

— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 21 DE MARÇO, DE 2022 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)

O CONFORMISTA

Título original: Il conformista

Realização: Bernardo Bertolucci (Itália, 1970)

1. VIOLAÇÕES E ASSÉDIOS



Bernardo Bertolucci era um cineasta da minha particular estima. Antes da Revolução (1964), O Conformista (1970), A Estratégia da Aranha (1970), O Último Tango em Paris (1972), 1900 (1976), La Luna (1979), A Tragédia de um Homem Ridículo (1981), O Último Imperador (1987), Um Chá no Deserto (1990), Beleza Roubada (1996) ou Os Sonhadores (2003), entre alguns mais, são títulos suficientes para impor um cineasta. A sua simpatia para com o partido comunista italiano é evidente, sobretudo no documentário L'addio a Enrico Berlinguer (1944), o que se manifesta igualmente ao longo da sua filmografia, ainda que de forma complexa e por vezes contraditória. É um cineasta de um bom gosto evidente, de um apelo à epopeia social, de crítica aberta aos regimes fascistas.

Acontece que, não há muito tempo, surgiram notícias que me obrigaram a refazer toda a minha opinião sobre Bertolucci. Foi divulgado publicamente, e confirmado pelo cineasta e o actor, que durante as filmagens de "O Último Tango em Paris", Bertolucci e

Marlon Brando combinaram em segredo violentarem (é o termo) a jovem actriz Maria Schneider. Todos se lembram da famosa cena de sexo anal entre Brando e Schneider, mas o que não se sabia é que a actriz desconhecia por completo o que se iria passar durante as filmagens. O realizador e o actor combinaram, sem disso dar conhecimento à actriz, que a cena de sexo seria acompanhada da famosa margarina com penetração por detrás. Da forma como a cena foi concebida, julgo que se trata de uma patifaria que desqualifica completamente cineasta e actor. Para mim, nenhum deles continuou a ser o que era, ainda que, neste particular, o realizador tenha mais responsabilidades. Ele não deveria ter tido a ideia, e se foi Marlon Brando a inventá-la, deveria ter imposto a sua voz, impedindo que tal acontecesse. Um acto sexual imposto pela força, mesmo em nome da arte, é uma violação totalmente inqualificável.

O que nos remete para o tão actual metoo que tem denunciado práticas abusivas nos meios cinematográficos (e noutros). Acontece que se tem descaracterizado com exageros consideráveis. Acusar quem chantageou, com o seu poder, alguém a submeter-se aos desejos do mais forte é louvável. Não tanto se tal aconteceu há uma eternidade e se a chantageada beneficiou com a chantagem (ou seja, se ganhou um lugar num filme, depois de ter feito a vontade ao produtor, realizador, actor e etc.), e se só 20 anos depois se lembrou do traumatismo. Outro tanto se pode dizer da abusiva generalização da prática de "assédio", que já vi ser uma mão colocada sobre um ombro, uma frase mais atrevida, um piropo que se leva a mal. Já fui assediado, desde jovem, de todas as maneiras, por mulheres e homens, furtei-me das que me incomodavam e aceitei com agrado algumas sugestões femininas. Faz parte da vida, e ainda bem que as pessoas se assediam para assegurar, no mínimo, a continuidade da raça humana. Mas uma coisa é o assédio de quem procura mostrar o seu interesse por outrem, outra muito diferente é impor uma vontade, em nome da força, do poder, quer seja económico, político, social, a subordinados que não sabem, ou não podem defender-se. Neste caso, e mesmo em nome da arte, nada justifica a violação.



2. O CONFORMISTA

Conformista o que é? Será alguém que aceita resignadamente tudo quanto lhe acontece, aquele que aceita pacificamente as ideias, tradições, costumes e usos, sem os questionar? É isso, mais ou menos, que dizem os dicionários consultados. Portanto este é o significado abstrato.



"O Conformista", de Bernardo Bertolucci, partindo de um romance de Alberto Moravia, é a exemplificação prática de alguém com essas características, precisamente Marcello Clerici (Jean-Louis Trintignant), um italiano de cerca de trinta anos, relativamente bem instalado na vida, culto, a viver na Itália do final dos anos 30, assombrada pelo fascismo. A ambição maior de Clerici é viver "normalmente", ele que tem um passado atormentado por uma experiência homossexual traumatizante e transporta na consciência a culpa por um assassinato, ele que tem uma mãe que é tudo menos "normal", habitando um velho palacete em ruínas, mas que aspira a contrair um casamento por forma a entrar numa vida "normal", quando o que o excita são alguns jogos eróticos perversos, quando descobre que a namorada já não é virgem e manteve uma relação com um velho amigo da família durante seis anos, ele que se sente irresistivelmente atraído por uma mulher que ele identifica com uma prostituta e se encontra casada com um antigo professor.

Clerici quer ser normal. Na Itália desse tempo, ser normal é estar inscrito no partido fascista e saudar Mussolini como o grande "Duce" que vela por todos. Marcado desde a infância, Clerici é o conformista que aceita ter o destino traçado, ainda que seja ele a pedir para entrar para o partido fascista e a solicitar uma qualquer acção em que possa ser útil à causa. Os dirigentes fascistas rapidamente percebem a lealdade do aspirante, que se mostra o protagonista ideal para um ajuste de contas com um professor italiano, antifascista, a viver exilado em Paris.

Marcello Clerici casa-se com Giulia (Stefania Sandrelli) e a viagem de núpcias à capital francesa é o pretexto suficiente para planejar e executar a sua tarefa. Sempre vigiado por um homem de mão do partido, Manganiello (Gastone Moschin), vai ao encontro do Professor Quadri (Enzo Tarascio), que descobre casado com a bela Anna (Dominique Sanda), que o enfeitiça por completo. Nada de menos "normal" para um homem que aspira à maior das normalidades e se vê confrontado com ordens que ultrapassam os seus sentimentos. Como se porta um conformista perante tais desígnios do destino, que ele próprio desejou?

Eis o percurso do filme de Bertolucci, essa análise que liga psicanálise e sociologia para nos dar o retrato de uma figura que se inscreve num partido para o servir enquanto este está no poder e que lhe obedece cegamente, para logo o trair, quando se apercebe que os tempos mudaram e o poder agora está noutras mãos (perto do final, Clerici denuncia um amigo fascista, acusando-o publicamente de vários crimes que ele próprio cometera).

Como observação de um tempo histórico e de personagens que o habitam, "O Conformista" é uma obra muito interessante que, na altura da sua estreia, provocou larga discussão e mesmo polémica. De um ponto de vista formal, o filme é admiravelmente conduzido pela maestria de Bertolucci que aqui vai confirmando alguns dos temas e obsessões recorrentes do seu cinema. O ambiente algo perverso, quase patológico, o clima de uma sensualidade obsessiva, o peso da arquitectura a condicionar o comportamento das figuras centrais, o recorrente recurso a bailes em grandes recintos, com dezenas de figurantes que criam uma euforia enganosa, os grandes movimentos de massas agitando bandeiras, a utilização de janelas (em viagens de comboio, de carro) ou de paredes de vidro na sala de baile) para duplicar acções, tudo isso surge exemplarmente utilizado neste filme, como depois o irá continuar a ser em títulos posteriores.

Para o sucesso desta película, rodada em 1970, e muito premiada em diversos certames e eventos desse período, muito contribui a belíssima fotografia, a cores, de Vittorio Storaro, que consegue, com grande economia de meios, efeitos notáveis (entre muitas outras, veja-se a cena que evoca a caverna de Platão, onde as sombras são a projecção aparente uma realidade), como a excelente montagem de Franco Arcalli, que organiza habilmente uma narrativa por vezes sincopada, criando alguns hiatos. A direcção artística de Ferdinando Scarfiotti é igualmente magnífica a reconstituir uma época, e a partitura musical de Georges Delerue mostra-se à altura do conjunto, ajudando a acentuar os ambientes, sem se fazer notar excessivamente.



De resto, sublinha-se ainda a inteligência e o gosto plástico evidenciado na iluminação, nas tonalidades do colorido, nos enquadramentos escolhidos, onde por vezes a profundidade de campo exerce um papel preponderante, ajudando a criar diversos planos de atenção, dentro da mesma imagem. A interpretação é globalmente muito boa, com especial relevo para Jean-Louis Trintignant, tanto mais que a sua personagem se move numa aparente neutralidade, numa frieza glacial, quase não reagindo ao que presencia. Para lá da justeza da interpretação, diga-se que Stefania Sandrelli e

Dominique Sanda são duas mulheres de rara beleza, aqui muito bem aproveitada.



O CONFORMISTA

Título original: Il conformista

Realização: Bernardo Bertolucci (Itália, 1970); **Argumento:** Bernardo Bertolucci, Lee Kresel (versão inglesa), segundo romance de Alberto Moravia; **Produção:** Giovanni Bertolucci, Maurizio Lodi-Fè; **Música:** Georges Delerue; **Fotografia (cor):** Vittorio Storaro; **Montagem:** Franco Arcalli; **Design de produção:** Ferdinando Scarfiotti; **Direcção artística:** Ferdinando Scarfiotti; **Decoração:** Maria Paola Maino; **Guarda-roupa:** Gitt Magrini; **Maquilhagem:** Franco Corridoni, Rosa Luciani; **Direcção de Produção:** Giuliana Bettoja, Mario Cotone, Serge Lebeau, Aldo U. Passalacqua, Nicola Venditti; **Assistentes de realização:** Alain Bonnot, Paolo Finocchi, Aldo Lado; **Departamento de arte:** Nedo Azzini, Osvaldo Desideri, Philippe Turlure; **Som:** Mario Dallimonti, Franco Bassi, Guido Giorgucci; **Companhias de produção:** Mars Film Produzione S.p.A., Roma; Marianne Productions Paris, Maran Film G.M.B.H. Munique);

Intérpretes: Jean-Louis Trintignant (Marcello Clerici), Stefania Sandrelli (Giulia), Gastone Moschin (Manganiello), Dominique Sanda (Anna Quadri), Pierre Clémenti (Lino), Enzo Tarascio (Professor Quadri), Fosco Giachetti (coronel), José Quaglio (Italo), Yvonne Sanson (mãe de Giulia), Milly (mãe de Marcello), Antonio Maestri, Alessandro Haber, Luciano Rossi, Massimo Sarchielli, Pierangelo Civera, Giuseppe Addobbati, Christian Aligny, Carlo Gaddi, Umberto Silvestri, Furio Pellerani, Luigi Antonio Guerra, Orso Maria Guerrini, Pasquale Fortunato, Gianni Amico, Joel Barcellos, Christian Belegue, Benedetto Benedetti, Claudio Cappeli, Romano Costa, Marilyn Goldin, Marta Lado, Giorgio Pelloni, Gino Vagniluca, etc. **Duração:** 115 minutos; **Distribuição em Portugal (cinema):** Filmes Lusomundo; **Distribuição em Portugal (DVD):** Minerva Pictures / FNAC; **Classificação etária:** cinema M/ 8 anos; DVD: M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 26 de Março de 1975 (Cinema Caleidoscópio).

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 28 DE MARÇO, DE 2022

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 21H00 (entrada livre)

O COURAÇADO POTEMKIN

Título original: Bronenosets Potemkin

Realização: Sergei M. Eisenstein (URSS, 1925) | **Duração:** 75 minutos | **M/12**